O CONTRASTE SE EXPLÍCITO/SE NULO NO PB

Jodalmara Oliveira Rocha Teixeira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB), Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2519-4393
Endereço eletrônico: mmara.teixeira@hotmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (ProfLetras/PPGLin/UESB/CAPES), Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5884-2698
Endereço eletrônico: Jorge.silva@uesb.edu.br

Palavras-chave: (des)uso do SE; construções *reflexivas*, *recíprocas*, *médias* e *impessoais*; conceptualização de eventos; português brasileiro; Linguística Centrada no Uso.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, tratamos do contraste SE explícito/SE nulo em construções *reflexivas*, *recíprocas*, *médias* e *impessoais* no PB, tendo como objetivos identificar os fatores que determinam a escolha entre o uso ou não do clítico nos contextos em que é tradicionalmente requerido, e se o SE explícito e o SE nulo possuem significados diferentes.

A motivação para este estudo partiu da observação dos sinais de mudança de significado sofrida pelo SE, discutidos em Teixeira (2018), desde o uso inicial do clítico, exclusivamente reflexivo, à extensão dessa função original a outras, correspondentes a diferentes domínios. Durante esse percurso, o SE passou a adquirir propriedades de reciprocização, passivização (não mais vigente no PB contemporâneo), de destransitivização, própria do domínio médio, e de impessoalização, até o alcance de padrões nulos associados a todos esses domínios, sugerindo que não há correspondência de significado entre as formas explicita e nula do clítico em qualquer um deles. Essa percepção nos leva a investigar se as construções SE explícito e SE nulo, além de diferentes na forma, são, também, semanticamente diferenciadas.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos, sustentamo-nos empiricamente em dados da língua em uso, oriundos de três *corpora* orais: PPVC (Português Popular de Vitória da Conquista), PCVC (Português Culto de Vitória da Conquista) e CLIBA (*Corpus* Linguístico de Ibicoara – Bahia), constituídos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB.

O nosso referencial teórico provém da Linguística Centrada no Uso. Em nossa análise, de enfoque qualitativo e quantitativo, levamos em consideração tanto a distinção tipológica das construções (Kemmer, 1994) e os fatores nela envolvidos – *estrutura argumental* (Goldberg, 1995); *transitividade* (Hopper; Thompson, 1980) e *esquematicidade da força indutora* (Maldonado, 2006), quanto operações de perspectivação conceptual, principalmente, a oposição entre conceptualização energética e conceptualização absoluta de eventos (Langacker, 2008; Maldonado, 2006). Com base nesse referencial, sublinhamos que a transitividade, enquanto dimensão linguístico-cognitiva, é determinada pelo modo como o evento é conceptualizado e essa associação influencia significativamente a codificação da construção com ou sem a presença do SE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na **Tabela 1,** a seguir, apresentamos a frequência de (des)uso do SE nas constuções *reflexivas*, *recíprocas*, *médias* e *impessoais* compliladas nos *corpora* e, em seguida, a análise do contraste construcional SE explícito/SE nulo no PB.

Tabela 1 – O (des)uso do SE no PB

Tipo de construção	SE explícito Aplic./Total	Percentual	SE nulo Aplic./Total	Percentual
Reflexiva	186/202	92,08%	16/202	7,92%
Recíproca	192/216	88,89%	24/216	11,11%
Média	257/488	52,66%	231/488	47,34%
Impessoal	192/305	62%	113/305	38%
Total	827/1211	68,29%	384/1211	31,71%

Fonte: Elaboração própria.

A distribuição dos dados na **Tabela 1** confirma, como era esperado, que o (des)uso do SE não se distribui de maneira homogênea entre as construções. Assim como previámos, as construções do tipo *reflexiva* e *recíproca* favorecem o SE explícito, com altos índices de frequência: 92,08%, para as *reflexivas*, e 88,89%, para as *recíprocas*. Das 202 ocorrências de construções *reflexivas* compiladas, apenas 16 são de SE nulo, o que corresponde a uma frequência de 7,92%. Situação semelhante ocorre com as construções *recíprocas*, entre as quais identificamos 24 ocorrências de SE nulo em um total de 216 dados, o que equivale a uma frequência de 11,11% de desuso do SE nessas construções. Também favorecendo o SE explícito, as construções *impessoais* apresentam um alto índice de frequência. Entre as 305 construções compiladas, 192 são de SE explícito, correspondentes a um percentual de 62%. Em quantidade menor, o SE nulo conta com um total de 113 dados, correspondendo a um percentual de 38%. Já as construções *médias* apresentam valores quase equilibrados. Em um total de 488 ocorrências identificadas, 257 exibem SE explícito, enquanto 231 são de SE nulo. Em termos percentuais, o SE explícito representa 52,66% de frequência e o SE nulo, 47,34%.

A seguir, exemplificamos em (01) uma construção *reflexiva* e, em (02), uma construção *recíproca* de SE explícito:

> (01) [...] ele tinha problema... tinha problema de depressão, né, então ele acabo de **se** matano. (E.P.S., *Corpus* PPVC)
>
> (02) Isso é o que mais, mais machuca mesmo, esses dois que eles não **si** dá0 bem, num **si** falam. (M.J.P.S., *Corpus* PPVC)

O fato de ser argumental e de exercer uma relação anafórica direta com o referente faz com que o SE explícito seja mais frequente em construções *reflexivas* e *recíprocas*, nas quais é, frequentemente, um elemento essencial à compreensão. O SE nulo, ao contrário, é favorecido nos contextos em que o clítico não exerce com o sujeito uma relação de correferencialidade, portanto, de transitividade mais reduzida, o que justifica um maior desuso do SE nulo em contextos médios, como em (03) e (04), nos quais não é argumento do verbo:

> (03) Meu pai qualquer coisa é só procurar ele ou minha mãe. Sempre tá atento né, **Ø** *preocupa* muito com a gente [...]. (G.S.O., *Corpus* CLIBA)
>
> (04) É tantas coisa0 que a gente fayz e **Ø** arrepende e não podi mais voltar. (A.A.B., *Corpus* PPVC)

Nesses dados, o SE é retirado de cena por uma questão cognitiva e pragmático-discursiva: o evento é conceptualizado como não energético e elaborado não com o interesse em atribuir ênfase a uma entidade iniciadora, tampouco no processo transitivo de transferência de energia, mas, no resultado desse processo ou estado resultante do participante temático. Esses aspectos influenciam e determinam a configuração linguística, fato que a baixa transitividade, própria do domínio médio, permite entrever. Por isso, o padrão construcional escolhido pressupõe uma configuração sem o SE.

Quanto aos contextos impessoais, embora neles o SE também não seja argumental, trata-se de construções cujo grau de transitividade as faz se aproximar de uma transitiva prototípica, fator que pressupõe a existência de um agente. Nesses contextos, o fato de o SE explícito apresentar maior frequência do que o SE nulo se deve à necessidade do falante de marcar a existência de uma fonte de energia desencadeadora do evento, como em (05):

(05) Ibicoara é muito bom de **se** viver. Um lugar muito bom. (G.S.O., *Corpus* CLIBA)

O dado em (05) é exemplar de uma das construções em que não há uma anaforização direta entre o SE e um elemento específico no contexto. Esse fato, associado ao *status* não argumental do clítico em tais casos poderia nos fazer questionar o porquê de o SE explícito ser mais numeroso do que o SE nulo em construções *impessoais*. Na verdade, esses resultados trazem mais evidências para a confirmação da nossa hipótese acerca da diferença semântica entre o SE explícito e o SE nulo no PB. Se, entre outros recursos disponíveis na língua, o SE funciona como uma estratégia de esquematização/indeterminação do participante desencadeador do evento, a escolha do falante por explicitar o clítico, mesmo quando o contexto é suficiente para interpretar a existência de uma força indutora, não é aleatória. O uso do SE dá à construção um sentido impessoal, mas não anula a existência dessa força. Pelo contrário, ele se justifica pelo interesse pragmático de manifestação não só da existência, mas também da proeminência discursiva dessa fonte de energia. Portanto, o SE, nesses contextos, pode não ser argumental nem estabelecer anaforização direta, mas importa que seja expresso.

CONCLUSÕES

A análise dos dados nos permitiu identificar fatores que, articulados cognitiva e contextualmente, influenciam a escolha entre o SE explícito e o SE nulo. O SE explícito ocorre sempre em contextos nos quais o evento é elaborado como energeticamente relevante, enfatizando a visibilidade da dinâmica de forças, por isso, com maior grau de transitividade. Pelo fato de exibir frequências mais altas nos domínios reflexivo e recíproco, tende a manter maior transparência na estrutura argumental e maior saliência do evento como estruturado por papéis participantes identificáveis. Já o SE nulo associa-se, de modo recorrente, a maior genericidade e desfocalização agentiva. Emerge sempre em eventos elaborados com um grau mais baixo de transitividade, por serem conceptualizados sem referência à fonte de energia por eles responsável. Por essa razão, a atenção do conceptualizador recai sobre o processo em si, como um todo autônomo, com o interesse maior de focalizar no resultado desse processo e não na força que o desencadeia.

Esses padrões evidenciam que não se trata de variação formal para expressar o mesmo conteúdo, mas, de especialização semântica em todos os domínios, indicando que as construções SE explícito e SE nulo, além de diferentes na forma, são também semanticamente diferenciadas, uma vez que não servem aos mesmos propósitos pragmático-discursivos.

REFERÊNCIAS

GOLDBERG, Adele E. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, p. 251-299, 1980.

KEMMER, Suzanne. Middle voice. Transitivity and Events. *In*: FOX, B.; HOPPER, P. (ed.). **Voice formand function**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1994, p. 179-230.

LANGACKER, Ronald W. **Cognitive grammar**. A basic introduction. Oxford; New York: Oxford University Press, 2008.

MALDONADO, Ricardo. **A media voz**. Problemas conceptuales del clítico *se*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006.

TEIXEIRA, Jodalmara O. R. **O Clítico SE no Português Popular e Culto de Vitória da Conquista**: uma análise sociolinguística e sociofuncionalista. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.